

Poesias de Paulo César de Oliveira - PC

CANÇÃO EM LÁ SÓL E DÓ

Paulo Cesar de Oliveira

O homem que nasceu só,
Que come pó,
Que toca em dó
Uma canção de dor,
Empunha enxada
Com a mão inchada,
E em lá se esvai
de amor!

E come o brilho ardente
Que lhe ofusca a mente
N'outra entoada!
E do sol, em sól,
Até a madrugada,
Canta o poema
Orindo do nada!

O homem que come pó
E sente só os pés descalços,
Na rua canta em dó,
O fugir apressado
dos passos!

O homem que vive só,
Que come pó,
Que canta em lá, sól e dó,
e Descreve o mundo seu:
- SOU EU!

DESQUERER

Paulo Cesar de Oliveira

ENTERRARAM O CABOCLO NO CHÃO
E O CABOCLO QUERIA VIVER
ENTERRARAM NO CHÃO O CABOCLO
QUE NÃO QUERIA MORRER.

TAPARAM SEU ROSTO DE TERRA
CABOCLO QUERIA SORRIR
TAPARAM DE TERRA SUA COVA
CABOCLO QUERIA PARTIR.

REZARAM PRA ELE O PAI NOSSO
QUERIA ELE AVE-MARIA
ENTERRARAM O CABOCLO SOZINHO
CABOCLO QUERIA MARIA.

ENTERRARAM O CABOCLO PELADO
CABOCLO QUERIA IR DE TERNO
CABOCLO QUERIA IR PRO CÉU
MANDARAM CABOCLO PRO INFERNO.

ENTERRAM O CABOCLO NO CHÃO
E VOLTARAM PRA CASA A DIZER
CABOCLO GOSTAVA DA GUERRA,
CABOCLO NÃO QUERIA MORRER.

RECANTO*Paulo Cesar de Oliveira*

Eu passei muito tempo esperando
para encontrar um recanto de paz
hoje estou junto dele e percebo
ele é lindo demais...

É ali que eu sou filho do Rei
contemplando a corrente a partir
uma nau que navega em silêncio
e que sabe onde ir

Tem as cores onde a vida se explica
a paixão em canção se desfaz
e as horas já passam tão lentas
neste mundo de paz

É o tempo cessando em passar
é o rio estancando no cais
é o barco na tarde ancorado
sem partir nunca mais

É poesia que brota constante
são mil asas que param no ar
tudo enfim é uma linda aquarela
esse canto é demais...

É ali que o relógio do tempo
faz as pazes com minha aflição
pra mirar e fugir lentamente
ao sabor da canção

NOVO DIA*Paulo Cesar de Oliveira*

MEUS OLHOS PROCURAM
VER LÁ FORA
SE AINDA É NOITE
OU JÁ VEIO A AURORA

SE A NOITE INTEIRA
EU PENSEI MORRER
DE DOR E SAUDADE
POR NÃO TER VOCÊ

O QUE É A VIDA O QUE É O AMOR
UMA FICÇÃO O TORMENTO A DOR
QUERO QUE AMANHEÇA PRECISO VIVER
QUERO VER AS FLORES DO ALVORECER

OLHA JÁ É DIA
O SOL VEM ME CONTAR
PASSARINHO APRONTA
COMEÇA A CANTAR

TENHO UM RECADO
PRONTO PRA TE DAR
MEU AMOR TE ESQUEÇO
QUERO DESCANÇAR

SIM OU NÃO

Paulo Cesar de Oliveira

Eu cismo em subir um andaime qualquer.
Se caio arrebento o bronze que o asfalto contém.
Se subo mais esmago o ferro que o ar impera.
Eu cismo em cantar qualquer canção.
Se me afogo no meu canto sinto o aço
Das cordas de metais sufocando minha voz.
Sinto o metálico pungir da aurora sem encanto.
Eu cismo em viver a vida toda.
Se ao menos alimento essa esperança
Sinto o asco da avenida putrefantes
Que atropela minha vida em outro corpo.
Se morro,
Minha sepultura é cimento armado no meu único
Sonho esperançoso.
Se cismo a esquecer que a morte tem este nome,
a vida com um nome lindo se faz amiga
Como amargo é o fel que o ferro espalha.
Se cismo derradeiramente a chorar,
Meu choro cai como o chumbo a alivia minha
Dor,
Mas se não cai o choro meu
Mính'alma dispara um tiro certo nas entranhas
Do meu pensamento,
E eu cismo em arriscar o sim ou não...
... Sozinho!

PIRACEMA

Paulo Cesar de Oliveira

No trevo de Piracema
Tome cuidado, senhor
No chão tem sangue marcado,
No asfalto o cheiro da dor.

Contam que ali já faz tempo
Viveu um povo sofrido
Descendentes de Xavantes
Povo bravo e destemido
Pois um dia, matadores
Chamados de bandeirantes,
Invadiram esse chão
Por ouro e diamantes
Além de grande chacina
Mil índios escravizaram
Levados para São Paulo
Nos cafezais trabalharam
Por isso um grande Pajé
Na reza espetacular
Lançou um grande feitiço
Que faz o branco pagar
Você que voa ligeiro
No trevo de Piracema
Tome cuidado seu moço
A sua sorte é pequena
Os erros de antepassados
Voltam numa grande dívida
E o preço desse mal feito
Se paga em forma de vida.

PEDRO E JOANA

Paulo Cesar de Oliveira

Pedro cismou travessia
Em noite de temporal
Numa bateia fraquinha
Feita de casca de pau
As águas do "Paraná"
Com maré de metro e meio
Dançavam na corredeira
O tempo estava muito feio

Cuidado Pedro cuidado
Esse rio tem segredo
Cuidado Pedro cuidado
Esse rio mete medo

O "piranga" não tem medo
Sabe ter o seu valor
Mora num lado da ilha
N'outro mora o seu amor
Joana pediu com carinho
Que era pra Pedro ficar
Tinha cama no barraco
De sobre pra quem chegar

Pedro continuou cismando
Em aceitar o desafio
Depois de cinco minutos
Estava no meio do rio
A canoa emborcava
Sumia e depois surgia
Lá do barranco Joana
Pra todo santo pedia

Joana nunca mais viu Pedro
Que partiu no temporal
Sua bateia encontrada
Num só pedaço de pau
Lá no Porto São José
Em tempo de temporal
Todos se lembram de Pedro
Que do rio não teve medo

CASA DA ILHA

Paulo Cesar de Oliveira

Olha vou te contar
A minha fantasia
Fugir cá da cidade pra lá
Onde minha tristeza
Parceira da alegria
Bailando num remanso de lá
É uma casa branca e fica na
Barranca do meu Rio Paraná
Onde eu me reconheço
E sinto que me encontro
Na beleza do lugar

Vou te contar o que é que tem
Tem um rio que não pára de partir
Pra levar a minha mágoa pra um lugar
Que só mesmo ele sabe onde vai dar
Tem arvoredos e tem também
Uma varanda e o rio é o quintal
E quando desaba feio temporal
Tudo é lindo é um mistério sem igual
E tem janela pra se ver
Lua gigante que um pintor deixou no ar
Mal o dia ameaça despertar
A canção já tem lugar

GARÇA BRANCA

Paulo Cesar de Oliveira

Eu tenho uma amiga uma garça branca
Linda e solitária
Que habita as barrancas
Entre o Mato Grosso e o Paraná
Quando o sol desponta tingindo de rubro
As águas do rio
Surge a garça branca contrastando
As cores vivas do lugar

Uma sinfonia invade meus olhos
Quando a passarada
Junto à garça branca vão formando
A pauta da minha canção
E quando a chalana singrando entre as ondas
Some na distância
Um ledor lampejo
Tinge de esperança minha solidão

Num vôo rasante quando entardece
Vai a garça branca
Em busca do ninho
Eu aqui sozinho
Lembro a amargura de quem nunca
Teve ninho pra buscar
E a solidão de quem nunca teve
Alguém para amar

O PATO BIGUÁ

Paulo Cesar de Oliveira

Aqui nesse lugar o amanhecer é uma beleza
os pássaros voejam celebrando a natureza
O encanto vem das águas, a magia vem do ar,
É o pato biguá e o gavião carcará

na tela colorida pela luz em movimento
a vida faz seu ato, simetria em seus momentos
a cadeia vai girando em rasantes sem iguais
com o pato biguá e o gavião carcará

meu sonho é uma vontade em ser assim também
porque não temos asas pra voar além?
fazer delas os remos em mergulhos divinais
saber todo mistério entre a terra, água, e ar.

aqui o sonho é tanto a miragem é irreal
a tela representa minha aurora boreal
o encanto vem das águas, liberdade vem no ar,
com o pato biguá e o gavião carcará.

OS IPÊS

Paulo Cesar de Oliveira

Os ipês de junho e julho
De um colorido sem fim
Vão despejando suas cores
De lindas doem em mim

Coração endurecido
Anseio por essa alforria
Que a cada ano não falha
Vem me fazer companhia

Enfeitam, tingem, deleitam,
Habitam suaves assim
Depois caem e os tapetes
Desaparecem por fim

Deixam a doce mensagem
Retornarão outro dia
A cidade alegre, eu sinto,
Inunda-se em doce poesia

VITÓRIA-RÉGIA

Paulo Cesar de Oliveira

Vitória-Régia
Do Amazonas
Que nasce bela
De se olhar
Floresce alegre
Em fevereiro
Doce perfume
A exalar

Durante o dia
Tímidas pétalas
Para de noite
Desabrochar
Oh! Virgem noiva
Da mata virgem
Sua beleza
Quero exaltar

ORIGAMI

Paulo Cesar de Oliveira

Fico a pensar no barquinho
De papel que construí
Soltei-o na enxurrada
No bueiro vi cair

Mas não foi maldade minha
Meu amor ia no barco
Meu verso seguia o barco
A vida ansiava um barco

Nafraguei na correnteza
Mergulhado está meu sonho
Origami de tristeza.

SAUDADE DA GRALHA AZUL

Paulo Cesar de Oliveira

A gralha azul na porteira vazia
Os grandes olhos dela pelos pinheirais
Saudade é um dragão
Que a distância não mata
Meu pai é bem moreno
E sempre teve saudade

No tempo da rua da lua cheia
Brincadeira de roda noite de São João
Mas o dragão tem cara de mau
A gralha azul se escondeu no cafezal
Do Paraná, do Paraná

Do pó da terra vi crescer minha cidade
A gralha azul ficando rara e sem maldade
Juriti voando longe sabiá cantando triste
Meus tempos de saudade já chegaram

A gralha azul presa num viveiro
No meu quintal um temporal vermelho
A gralha azul presa na saudade
No meu quintal um temporal maldade

ACONTECE

Paulo Cesar de Oliveira

Acontece da gente
Num repente chorar
E motivos não tem
Pois de amor a gente vai bem
Acontece que a poesia
Já não é muito bastante
E a gente fica assim
Olhando a multidão que vai
Querendo ir também
Sem saber onde ir
Nem quando vai voltar

Acontece da gente
Esquecer o cantar
E ficar tão tristonho
Como a vela no mar
Acontece que a poesia
Tem sua hora e seu lugar
E o amor que for amor
Vai saber suportar
O peso de uma dor
E a dor que for a dor
Vai saber expulsar
O amor que fracassou

CIRANDA PARANAENSE

Paulo Cesar de Oliveira

A doçura da cana
O favo do mel
Juriti na mangueira
Nos lábios da noite
Estrelas no céu
Cafezal dando flor
Cantando a passarada
Eu sozinho na estrada
Levando comida pro meu pai
No roçado

Cantei o meu bem cantou
A ciranda do norte
Que meu pai ensinou

A maldade do tempo
O amargo do fel
A geada nas folhas
A seca na terra
Incerteza no céu
Não há flores no campo
Nem canta a passarada
Eu sozinho na estrada vou vendo
Meu povo sem rume sem nada

Eu vou a cantar eu vou
A ciranda do norte
Que pra cá se mudou

TROPEIRO APAIXONADO

Paulo Cesar de Oliveira

A noite desceu no mundo
Em torno de uma fogueira
Dançam sombras pela noite
E reúnem-se os tropeiros

Buçais, bruacas, cangalhas
O surrão de ferramentas
Cobertas de couro cru
E pencas de ferraduras

A cantilena saudosa
Correndo do escampado
Fugindo para o varjão
Entre sombras encantadas

No lombo dos animais
As pisaduras marcadas
Junto às estrelas do céu
Um tropeiro apaixonado

Nos lábios do cantador
Na quente noite estrelada
Saudade de um lar longínquo
Saudade da namorada

JARDIM OÁSIS

Paulo Cesar de Oliveira

QUE PÁSSARO É AQUELE
DE ASAS ESCURAS
PEITO VERMELHO?

ARRISCA RASANTES
EM CASAL VOEJA
E VOEJANDO CONTEMPLA
A CIDADE QUE AVANÇA

NO "OÁSIS" ONDE CRIANÇA
VI NATUREZA DADIVOSA
HOJE ELA SE CALA
E MUDA VAI PASSIVA
AO RUÍDO DAS MÁQUINAS

É O HOMEM QUE CHEGA
ALARGA HORIZONTES
SEM A PARCERIA DO CANTO

O CASAL RESISTE E CANTA
CANTA O TRISTE RÉQUIEM
MELODIA DOLENTE, ESPERANÇA DOENTE
QUE VAI MOLDANDO SEU FIM.

MOEMA (A LENDA DOS TRÊS MORRINHOS)*Paulo Cesar e Paulo Marcelo*

Ela era a mais bonita
 Que o coração de Montóya
 Chorava na Santo Inácio
 Lamento das Sete Quedas
 Onde tudo se incendeia
 É o coração da floresta
 Entre cem mil belos índios
 Da raça dos Guaranis

Mistérios assombrações
 Cantigas de adormecer
 Folclores, lendas, folguedos
 Histórias de estremecer

Moema sempre brincava
 Pelo “Paranapanema”
 Cantando o “Pirapó”
 Entre dourados Moema
 Cantava a liberdade
 Dos índios contra as bandeiras
 Que vinham ao Paraná
 Trazendo a opressão

Nas pequeninas canoas
 Montóya, Dias, Simão
 Moema, Jesus, Maria
 E as treze reduções
 Taturana na frente
 Era o amor de Moema
 Viram surgir os três morros
 Na caminhada pro Sul

Moema, Taturana
 Lutaram pra escapar
 Ganharam muitas batalhas
 Vai seu povo conquistar
 A liberdade nas serras
 Lindas nas terras do sul
 Deixando atrás Três Morrinhos
 E uma lenda no lugar

E os três morros que cresceram do sangue
 Daquela gente hoje é o retrato mais forte de
 Dias, Simão, Montóya, Taturana na semente
 Moema flor Cayuá, que coloriu nosso chão,
 Fez nosso povo valente.

PÉ VERMELHO

Paulo Cesar e Nilson Monteiro

Planto cidades e suas ruas
Da juriti canto as suas luas
Toco boiada do arame pro rio
Pássaro livre, peixe no cio
Miro a florada e o café no terreiro
Porque
Sou “pé vermelho”

Canto saudades numa viola
Canto o doutor a criança na escola
Vou pro rodeio de botas e esporas
Pra liberdade não espero a hora
E vou com ela ao baile no terreiro
Porque
Sou “pé vermelho”

A alma vermelha
A saudade vermelha
A paixão é uma abelha
No coração parelho
A fruta no quintal
O luar no terreiro
Sou “pé vermelho”

ESTRADA DE SOL

Paulo Cesar de Oliveira

Eu vou sair por essa estrada tão só
Mas vou nas asas da canção
Você não quis seguir comigo
Esse é meu maior castigo
Mas não vivo de ilusão
Num dia claro como nunca vi
Brilha no ar minha emoção
Lá na beira da estrada
Passarinho faz morada
Isso é mais que uma paixão

Eu vou voar
Por sobre a mata
Mesmo que ela
Não esteja lá

Eu vou cantar
Em serenata
Mesmo sem ter
Quem venha me escutar

MISTÉRIOS DO RIO IGUAÇU

Paulo Cesar de Oliveira

Letra inspirada na obra de Rafael Greca "Poemas do Iguaçu"

O rumo dos peixes na piracema
Quem poderá nos dizer?
Aonde bebe a onça pintada
Quem poderá nos dizer?
Quem poderá nos contar
Dos que viveram ali
Dos que falavam tupi
Caingangue ou guarani
Do vôo das garças
Destino das águas
Quem poderá nos dizer?
Da cor do poente
Arco-íris constante
Quem poderá nos dizer?
Quem saberá retratar
As borboletas dali
Asas de eterno matiz
Do beija flor, colibri
Vai de roldão eterna correnteza
No abismo vira mar
Fere remansos, explode as pedreiras
Quem poderá navegar?
Mistura das águas divina magia
Contrastes do verde no azul
Quem nos dirá desse eterno lamento?
Mistérios do rio Iguaçu
Mistérios do rio Iguaçu

NAS ASAS DA JURITI

Paulo Cesar de Oliveira

Subindo a serra vindo de Paranaguá,
No Marumbi as nuvens eu pude tocar
Em Curitiba entre as flores eu “garrei” a imaginar
Como é lindo esse meu Paraná
Como é lindo esse meu Paraná
Em Ponta Grossa me bateu a emoção
Por Vila Velha coisa do meu coração
Em Maringá por entre o verde eu “garrei” a imaginar
Como é lindo esse meu Paraná
Como é lindo esse meu Paraná
Singrando as águas do meu rio Paraná
Do “Ivaí”, do “Tibagi”, do “Panema”
No “Iguaçu”, nas cataratas eu “garrei” a imaginar
Como é lindo esse meu Paraná
Como é lindo esse meu Paraná
Em Cascavel voando sobre as plantações
Tapete verde colorindo as estações
Lá em Londrina namorando no “Igapó”
Um “pé vermelho” jamais se sente tão só
Volto pra casa nas asas da juriti
E vou pousar em Paranavaí

VÔO CANÇÃO*Paulo Cesar de Oliveira*

Tão singular esse vôo canção
Voa mais longe que a imaginação
Nasce do abismo que a alma dispõe
E vai muito além do que a gente supõe

Quando um ser triste solfeja a canção
Viaja pra longe a sua emoção
A dor e a agonia se entregam assim
E o coração bate inteiro por fim

Voa nas asas tão linda canção
Em asas ternas do meu coração
Faz-se estrela reluz em paixão
E pausa em meus braços, oh doce canção

BEBER POESIA*Paulo Cesar de Oliveira*

Está nevando em Porto Alegre
Faz muito frio no litoral
A chuva cai em Curitiba
Acho que vou pro Pantanal

Mas antes vou beber poesia
Na luz de Paranavaí
Que tal passar em Porto Rico
Saber das coisas por ali

E quando entrar no Mato Grosso
A siriema vou seguir
Depois pescar no Nabileque
Até a Vila Guarani

Ninguém, ninguém vai me encontrar
Meu bem você não vai me achar
Fugir do frio da saudade
Pra me embrenhar nesse lugar

LUA DIURNA

Paulo Cesar de Oliveira

Acordei pra ver o sol e vi a lua
Era minguante pelo céu do Pantanal
Peixe brincava debaixo do carandá
Lua diurna mostre o porto de chegar

Eu vou descendo as águas
Chalana vai me levar
Eu sei que se eu demoro muito
Alguém pode reclamar

O rio tem sua história
Minha vida o que contar
Amanhã estarei distante
Deixo a saudade me acompanhar

RISO CLARO*Paulo Cesar de Oliveira*

Manhã nascendo eu vou fugindo com minha viola
Procurando um canto pra esquecer o pranto
Não lembrar da dor e ter pra onde ir
O dia tem um riso claro eu acho que estou certo
Quero com certeza ter ela por perto
Quero aquele amor mesmo sendo ilusão
E ali bem onde o sabiá faz o seu belo ninho
Vejo num relance marcas no caminho
Como se o destino me fosse real
E vou sentindo doce gosto tocando viola
Como se o cavalo pedisse a espora
Como se o poema já fosse canção
E quando tudo acaba o dia já se vai embora
Vejo no horizonte nuvens cor de amora
Que um sol poente tinge com paixão
Daí eu monto esse cavalo e saio campo afora
Embrulho meu sonho guardo essa viola
E vou dormir mais cedo com a solidão

ESTRADA DE POEIRA*Paulo Cesar de Oliveira*

No espelho dos seus olhos flor pequena
Cafezal que era tão novo debutou
Deu as flores mais formosas da lavoura
Que o sertão engalanado perfumou
Juriti voou baixinho flor pequena
Tico-tico do seu ninho “inté” cantou
Em louvor ao véu branquinho da florada
Beija-flor no ar parou

Que bonito são seus olhos Iracema
No início da mais bela estação
Água nova lá no poço Iracema
Só não mata minha sede de paixão

A estrada de poeira dá na mata
Nhambu que fez rasante já pousou
Vai rangendo o boi no carro pelo campo
Iracema vem pousar no meu amor

GEADA

Paulo Cesar de Oliveira

O meu café já faz tempo não dá flor
Geada brava por aqui passou

De madrugada ela chegou
Num fogo que eu não vi doer
De manhãzinha mãe me chamou
Pra ver o manto que ela formou

Então eu vi que ela
É branca sim senhor
A sua língua queima, queima, queima meu amor

Então eu vi que ela
É branca sim senhor
A sua língua queima, queima, queima minha flor

FLOR DE LUA NOVA*Paulo Cesar de Oliveira*

Na estrada que vai do Porto pra Nova Andradina
Eu conheci uma linda menina
Moça descendente da tribo Tupi
Enquanto brincava nas águas do Rio Paraná
Me contou que era Flor de Lua Nova
Que descendia dos Cayuás

Contou-me que era parente de Tataurana
Cacique guerreiro que foi perseguido
Índio tão valente que muito sofreu
Seu povo tinha a saga do sofrimento
E o Brasil assistiu seu tormento
E nada fez para lhe socorrer

Índia, tão pouco resta dessa nação Tupi-Guarani,
Índia, tu és tão bela quando eu te vejo me lembro Jaci
Índia, tua missão é não deixar morrer o povo Tupi,
Índia, tu és tão forte e ainda resistes viver por aqui

Índia, Flor de Lua Nova,
Me dê o seu braço, me dê um abraço,
Eu vou cuidar de ti

UM BOM LUGAR

Paulo Cesar de Oliveira

Não sei se é cardeal se é galo de campina
Só sei que esse bichinho canta lindo oh! Menina
E ainda tem muito mais no quintal pra onde mudei
Aqui o tietê tem as cores de um rei

De noite quando a lua arrebenta a escuridão
Socó dá um gemido lá no meio do brejão
E a cantiga das águas arremete a solidão
Aqui o temporal tem as cores da canção

Eu vim por causa dela por ela não vou voltar
Aqui vivo escondido encontrei um bom lugar
Não posso correr risco de olhar nos olhos seus
O amor tão magoado vai ferir os olhos meus

LABAREDAS

Paulo Cesar de Oliveira

É só olhar nos seus olhos pra ver o seu sofrimento
Beberam a sua sombra minguaram seu alimento
E o sol no árido sulco vai refazendo o tormento
Nesse deserto enfeitado das terras do povoado

É só beijar sua face e ver que há algo errado
Se a língua das labaredas já fez destino traçado
E a plantação já não vinga, deixa seu rastro pungente
Misto de fome e pobreza nas terras do povoado

Mas não se quer enxergar a sombra do que virá
Cego que maltrata o leite onde o filho vai deitar

É só mirar as paisagens das terras onde cresci
Para entender o lamento do passaredo daqui
Cegos, não enxergarão o amanhã como será
Para entender o futuro da geração que virá

SÓ PRA VER*Paulo Cesar de Oliveira*

Hoje vou sair e vou sem nada pra levar
Só pra ver o dia clarear
E vou voando baixo, vou sem asas, pode crer
Só pra ver o dia amanhecer

E vou sobre montanhas
Entre rios e ipês
E vou sobre a cidade
A dormir no amanhecer

Que a vida vai seguindo
Quanta gente nunca vê
A cor de um lindo dia amanhecer

Hoje vou sair, não levo mágoa nem pesar
Só pra ver o dia clarear
Mil cores, arvoredos, passarinhos a dizer
Só pra ver o dia amanhecer

E vou voando à toa como um sonho acontecer
E vou seguindo os passos do amanhã que vai nascer

Que a vida vai seguindo
Quanta gente nunca vê
A cor de um lindo dia amanhecer

HORA DA BÓIA

Paulo Cesar de Oliveira

E foi poeira na estrada
Que o vento ruim balançou
E foi tristeza mas “óia”
Na hora da bóia
Que o corpo boiou
E boiou num achego
Num desassossego
Boiou na miséria
De um tempo qualquer
Boiou na cachaça
Que ninguém esquece
E sem carteirinha do INPS
E boiou na desgraça
Afogou na fumaça
Marmita vazia
A dor de viver
Morreu sem ter tempo
De ser perdoado
Por ter feito o pecado de nascer

ALENTO

Paulo Cesar de Oliveira

Eu vi uma estrela
Perdida no além
Senti a tristeza
perdida também
Mas a estrela estava no céu
Quando a tristeza em mim se perdeu
Busquei na noite um alento
Para o meu triste viver.
Enganei a saudade
No meu soluçar
Chorei com vontade
Fiz gotas em mar
Fiz meu mundo todinho morrer
Nas estrelas do céu
Não mais acontecer
E cansado de tudo
De novo chorei.
Essa é a cantiga
Vem vamos cantar
Vem que essa cantiga
Não vai terminar.

FLOR PRIMEIRA

Paulo Cesar de Oliveira e Arthur Roman

Uma faca na mão
Pode cortar o pão
Pode cortar a mão
Pode ferir o coração
Veja bem que o amor
Tem perfume de flor
Pode causar a dor
Pode ferir por onde for
Eu quero
Quero a flor primeira
Do jardim primeiro
No primeiro sol
Eu quero
O amor como faca
O amor como vida
Vida como canção
Eu quero
Matar pela rua
A falsa luz de lua
No concreto a refletir
Eu quero
A dureza do aço
Ocupando espaço
No meu coração

PROCISSÃO DOS NAVEGANTES

Paulo Cesar de Oliveira

Procissão do navegantes do rio

Paraná

Porto Rico, São José as águas vão contar

Que o povo espera que a miséria parta

e o rio sempre a lhes doar

peixe bom prá seu sustento

Esperança de alimento que não vai faltar.

Pescador da face triste

Não se entristeça não

Pois tem peixe lhe esperando

Vá puxar seu arrastão.

Porto São José

Águas do Paraná

Fazem meus olhos se encontrar

Na terra das siriemas

Porto São José

E lá vai um barco lindo

Desenhar curvas nas águas tão claras

Do rio Paraná.

Aleluia! Aleluia!

Nossa Senhora dos Navegantes

Há de trazer esperanças

Prá esse povo das barrancas

Do rio Paraná.

MARMITA

Paulo Cesar de Oliveira

Quanto tempo você gasta
Prá fazer sua marmita
Por o braço na tipóia
Prá comer a sua bóia
Quanto tempo você leva
Prá dizer seu sobrenome
Repetir nas entrelinhas
Que você ainda é homem.
Que na roça ainda capina
Sente fome todo dia
Não tem filhos na escola
Mas joga na loteria
Sempre vota na eleição
E nunca viu providência
Inda perde um dia inteiro
Na fila da previdência
Prá sarar sua ferida
Prá curar sua miséria
Prá encher sua marmita
Quantas vidas você gasta...

A VELHA CASA ASSOMBRADA

Paulo Cesar de Oliveira e Paulo Marcelo

(inspirada no conto "assombramento" de Afonso Arinos)

Entre a canela de ema
E a cruz de pedra lavrada
Erguia-se o pau de santo
E a velha casa assombrada
Escadaria de pedra
A porteira escancarada
Muitas histórias corriam
Da velha casa assombrada
Naquele verde esmaiado
No fundo do meu sertão
A velha casa assombrada
Espantava os corações
Mas um tropeiro atrevido
Que por ali foi parar
Invadiu a casa velha
Decidindo lá pousar
Entrou na casa assombrada
E logo a noite chegou
Mas quando a noite partiu
O tropeiro não voltou
Hoje na luz fumarenta
Das fogueiras do sertão
A história é lembrada
Sobre tímida canção

ANDORINHA

Paulo Cesar de Oliveira

Sei lá andorinha
Sei lá coração
Em cada estação
Em me lembro de ti
Sei lá andorinha
Sei lá meu amor
Em cada verão
Eu me lembro de ti
Se faz sol ou se faz chuva
Meu coração já duvida
Andorinha vai-se embora
Meu coração não me avisa
Amanhã é um outro dia
Minha flor há de nascer
Andorinha, andorinha
É prá lá que eu vou viver.
Se faz sol ou se faz chuva
Meu coração não insiste
Andorinha vai-se embora
Minha flor vai nascer triste
Amanhã é um outro sonho
Já estou no entardecer
Andorinha, andorinha
É prá lá que eu vou viver.

TROPEIRO APAIXONADO

Paulo Cesar de Oliveira e Paulo Marcelo

A noite desceu no mundo
Em torno de uma fogueira
Dançam as sombras pela noite
E reúnem-se os tropeiros
Buçais, bruacas, cangalhas
O surrão de ferramentas
Cobertas de couro cru

E penças de ferraduras
A cantilena saudosa
Correndo do escampado
Fugindo para o varjão
Entre sombras encantadas
Nos lombos dos animais
As pisaduras marcadas
Junto às estrelas do céu
Um tropeiro apaixonado
Nos lábios do cantador
Na quente noite estrelada
Saudades de um lar longínquo
Saudades da namorada

CLAREIRA MAIOR

Paulo Cesar de Oliveira

Diamante guardado no leito de mim
Na rua onde moro, na casa e jardim
Eu sou como a luz da clareira maior
Nos sonhos das noites, nas tardes
E sonho perdido entre a multidão
Buscando a certeza do meu coração
Sentindo um lírio a desabrochar
Assim como o sol, rasgando a manhã
Um gosto de mel, um sabor hortelã
Montanha de aço do asfalto a subir
Eu vou escalando meu rumo de ir
Sentindo que o sonho já desabrochou
Essa noite eu sonhei que o meu país mudou
Minha rosa nasceu, o meu amor me amou
Vou por aí, entre a multidão
Buscando a certeza do meu coração
Vou como o sol rasgando a manhã
Um gosto de mel um sabor hortelã

VERDE- CORAÇÃO

Paulo Cesar de Oliveira

Meu coração é um rio
Água vermelha a jorrar
Nas sete quedas dos sonhos
Quer sua dor afogar
Meu coração é um rio
Chorando nas corredeiras
Pedra polida no leito
Murmurar de cachoeira
Verde que te quero verde*
Verde que te quero amor
Verde que te quero tanto
Verde que te quero amor
Meu coração é um riso
Escarnecendo as manhãs
Rindo da grande desgraça
Que cai sobre nossa irmã
Mataram meu coração
Nas quedas daquele rio
Hoje só resta o estrondo
De um coração vazio
Vai coração cansado
Vai não pode entender
Verde quem não quer o verde
Nos sonhos há de morrer.

* *Garcia Lorca*

BOI X CAFÉ

Paulo Cesar de Oliveira

Prá cada pé de café
Agora tem um boi
Minha terra tá assim
Boi, boi, boi, boi
O verde nos olhos dela
Atiçou meu coração
O riscado da viola
Acordou brotos no chão
E o verde fez-se lindo
E sinal da plantação
Triste terra ameaçada
Já nem canta o azulão
O boi fica com a terra
O homem fica sem o chão
E sem o verde dos olhos
Só me resta a solidão
Foi, foi, foi
Não dá prá acreditar
Onde tinha o café
Está o boi a pastar

SEGREDO DOS VENTOS

Paulo Cesar de Oliveira

Aprendi galopar nas campinas

Talismã

A correr tomar banho nas minas,

Talismã

Aprendi o segredo dos ventos

A magia da noite mais bela

O luar prateado, saudade no peito,

Viola do lado

Seguir o rumo, da estrela guia

No coração doce alegria

Não há no mundo coisa mais bela

Que ver o sol, no entardecer em aquarela

Aprendi ver a planta no cio

Talismã

A catar a poesia no rio

Talismã

Que a geada só queima, só queima

E a queimada é o princípio do fim,

Não há nada mais triste

Que ver lá na mata, um incêndio sem fim

GARÇA BRANCA

Paulo Cesar de Oliveira

Eu tenho um amiga
Uma garça branca linda e solitária

Que habita as barrancas entre o Mato
Grosso e o Paraná

Quando o sol desponta
Tingindo de rubro as águas do rio
Surge a garça branca
Contrastando as cores vivas do lugar

Uma sinfonia invade os meus olhos
Quando a passarada junto a garça branca
Vão formando a pauta da minha canção
E quando a chalana singrando entre as ondas
Some na distância
Um ledor lampejo
Tinge de esperança a minha solidão
Num vôo razante
Quando entardece vai a garça branca
Em busca do ninho e eu aqui sozinho
Lembro a amargura de quem nunca teve
Ninho prá buscar
E a solidão de quem nunca teve alguém
Para amar

SONHO EM CURITIBA

Paulo Cesar de Oliveira

Amor, vou te contar por onde andei,
Perambulei por Curitiba
Me apaixonei por seus mistério,
Bebi seu vinho e sua luz
Ali, ouvi seu riso e seu lamento,
Amei o povo e seu tormento
Na sua paz adormeci
Sonhei, que o mar subiu sobre as montanhas,
E ao penetrar suas entranhas
Deixou sereias pelas ruas
Deixou seu gosto pelo ar,
Cantei, dançando solto em seu espaço,
Tirando verso do seu aço
Na rua XV despertei
Amor, todo perfume que há nas flores,
Toda ilusão todos amores
Perambulando em Curitiba
Minha poesia descobriu
Ali, embriagado livre e solto
Segui a luz da sua estrela
Redescobri minha canção,
Senti, o amor vagando pelas ruas
Em cada esquina a imagem tua
Fez renascer minha paixão
Amor, todo perfume que há nas flores,
Toda ilusão todos amores,
Perambulando em Curitiba
Minha poesia descobriu
Senti, no vento a flor da sua história,
Minha ilusão a sua glória
Toda beleza que busquei,
Ali o amor vagueia pelas ruas
Em cada esquina a imagem tua,
Me acompanhou por onde andei
Me acompanhou por onde andei...

ESTRELA DA MANHÃ

Paulo Cesar de Oliveira

O temporal que desabou,
Fez navegar meu coração
Passarinho me salvou
Natureza me guiou
A esquecer essa paixão
E toda dor que me restou,
Num mar de estrelas desenhei
Hoje o meu cantar é triste
Mas carrego no meu peito
A esperança que ganhei
É tão difícil ser feliz
Felicidade mora longe daqui
Vou entregar àquela estrela
Um pedido de amor
Prá você voltar prá mim
É tão difícil ser feliz
Felicidade mora longe daqui
Mas quem sabe amanhã cedo
A estrela da manhã
Possa me fazer feliz
Possa me fazer feliz
Possa me fazer feliz

VARANDA

Paulo Cesar de Oliveira

Lua nova na varanda
E o cantar de um bem-ti-vi
Um cavalo sem arreio
E a vontade de partir
Prá buscar aquela moça
Repartir o meu carinho
Solidão é como um laço
Não posso ficar sozinho
Na fronteira do infinito
A estrela da manhã
Vai dormindo lentamente
Sinto um cheiro de hortelã
Lá no pé da laranjeira
Beija-flor paira no ar
Só me resta a velha estrada
Meu amor vou procurar

DESEJO

Paulo Cesar de Oliveira

A ventania faz
A relva se curvar
Uma boidada triste
Segue bem devagar
Vai se apagando a luz
Da estrela da manhã
Um sol vermelho tinge as cores
Lindas do jaçanã
Sinto no Pantanal
Desejo a renascer
Que é de tocar boiada
Vendo o sol se esconder
Deixei de onde vim
Na linda Maringá
Um amor me esperando
E prometi voltar
Espere meu amor me espere
Linda flor do Paraná
Assim que eu entregar o gado
Quem sabe vamos nos casar

Meu sonho é te ver brincando nas águas
Claros desse Pantanal
Claros desse Pantanal

IPÊ ROSA

Paulo Cesar de Oliveira

Do alecrim eu quero o cheiro
Da rosa mãe quero o perfume
Dessa menina eu quero um beijo
Um grande amor todo ciúme
Quero beber na minha rua
Toda poesia que caiu
Ao perceber toda beleza
Do Ipê Rosa que floriu
Ai amor não me deixe sozinho
Eu sinto gosto de felicidade
Vamos voar por sobre a onda verde
Que embala o sonho da minha cidade

GIRASSOL

Paulo Cesar e Valmir Graciano

Eu plantei na minha porta um girassol
Pra girar junto com meu coração
E acompanhar cada segredo meu
Um girassol que pare ao meio dia
E cante a cada dia uma canção
E gira, gira

Gira gira girassol
Gira o sol ao meio dia
Gira a vida na avenida
Gira o amor sem fantasia
Gira a estrela cadente
Gira a saudade ao contrário
Gira a lapela sem cravo
Gira minha nau sem vela
Gira vai girando tudo
Gira a pedra no caminho
Gira a chuva já janela
Gira esperando ela

Sem nau sem vela
Giro esperando ela
Sem cravo na lapela
Giro esperando ela
Sem saudade sem contrário
Giro esperando ela
Sem chuva na janela
Giro esperando ela

Eu plantei na minha porta um girassol

Poemas que Paulo César gostava de Declamar

QUERO-QUERO

Janske Niemann Schlencker

Gosto desse pássaro que grita,
quando passa voando. Passa, sem saber
que meus olhos o seguem, enquanto ele grita
como eu gostaria de fazer.

Não creio que ele grite de tristeza;
deve gritar apenas por prazer,
ao desfrutar de sua imensa liberdade!

Aquela que eu jamais vou ter...

Às vezes, ele passa, quando o dia nasce,
e, às vezes, eu ouço o seu grito, após o anoitecer;
ele sai quando quer e vai onde deseja,
como eu gostaria de poder...

Voa e grita, sozinho ou com seu bando
- mas não precisa dos outros para ser:
basta-lhe o vento, bastam-lhe as asas,
as que eu gostaria de ter...

Voar! Cabeça fria, entre o céu e as nuvens,
ele, que não tem nada para esconder;
nem sabe das coisas que as pessoas fazem,
como eu queria não saber...

MOTIVO

Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

BALADA DO REI DAS SEREIAS

Manuel Bandeira

O rei atirou
Seu anel ao mar
E disse às sereias:
— Ide-o lá buscar,
Que se não o trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

—

Foram as sereias,
Não tardou, voltaram
Com o perdido anel.
Maldito o capricho
De rei tão cruel!

—

O rei atirou
Grãos de arroz ao mar
E disse às sereias:
— Ide-os buscar,
Que se não os trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

—

Foram as sereias,
Não tardou voltaram,
Não faltava um grão.
Maldito o capricho
Do mau coração!

—

O rei atirou
Sua filha ao mar
E disse às sereias:
— Ide-a lá buscar
Que se a não trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

—

Foram as sereias...
Quem as viu voltar?...
Não voltaram nunca!
Viraram espuma
Das ondas do mar.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

CANTIGA

Manuel Bandeira

Nas ondas da praia
Nas ondas do mar
Quero ser feliz
Quero me afogar.

Nas ondas da praia
Quem vem me beijar?
Quero a estrela-d'alva
Rainha do mar.

Quero ser feliz
Nas ondas do mar
Quero esquecer tudo
Quero descansar.

FADO TROPICAL

Chico Buarque

Oh, musa do meu fado
 Oh, minha mãe gentil
 Te deixo consternado
 No primeiro abril
 Mas não sê tão ingrata
 Não esquece quem te amou
 E em tua densa mata
 Se perdeu e se encontrou
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
 Ainda vai tornar-se um imenso Portugal
 "Sabe, no fundo eu sou um sentimental
 Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dose de lirismo(além da sífilis, é claro)
 Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, esganar, trucidar
 Meu coração fecha os olhos e sinceramente chora..."
 Com avencas na caatinga
 Alecrins no canavial
 Licores na moringa
 Um vinho tropical
 E a linda mulata
 Com rendas de Alentejo
 De quem numa bravata
 Arrebata um beijo
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
 Ainda vai tornar-se um imenso Portugal
 "Meu coração tem um sereno jeito
 E as minhas mãos o golpe duro e presto
 De tal maneira que, depois de feito
 Desencontrado, eu mesmo me confesso
 Se trago as mãos distantes do meu peito
 É que há distância entre intenção e gesto
 E se o meu coração nas mãos estreito
 Me assombra a súbita impressão de incesto
 Quando me encontro no calor da luta
 Ostento a agida empunhadora à proa
 Mas meu peito se desabotoa
 E se a sentença se anuncia bruta
 Mais que depressa a mão cega executa
 Pois que senão o coração perdoa"
 Guitarras e sanfonas
 Jasmins, coqueiros, fontes
 Sardinhas, mandioca
 Num suave azulejo
 E o rio Amazonas
 Que corre Trás-os-montes
 E numa pororoca
 Deságua no Tejo
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
 Ainda vai tornar-se um Império Colonial
 Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
 Ainda vai tornar-se um Império Colonial

CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO

Carlos Drummond de Andrade

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio, porque este não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
Depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

POEMA DE SETE FACES

Carlos Drummond de Andrade

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

NÃO SE MATE

Carlos Drummond de Andrade

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que será.

Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
Reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê, praquê.

Entretanto você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.
Não se mate

TAMBÉM JÁ FUI BRASILEIRO

Carlos Drummond de Andrade

Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.
Bastava olhar para mulher,
pensava logo nas estrelas
e outros substantivos celestes.
Mas eram tantas, o céu tamanho,
minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.
Fazia isso, dizia aquilo.
E meus amigos me queriam,
meus inimigos me odiavam.
Eu irônico deslizava
satisfeito de ter meu ritmo.
Mas acabei confundindo tudo.
Hoje não deslizo mais não,
não sou irônico mais não,
não tenho ritmo mais não.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
 Lá sou amigo do rei
 Lá tenho a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
 Aqui eu não sou feliz
 Lá a existência é uma aventura
 De tal modo inconseqüente
 Que Joana a Louca de Espanha
 Rainha e falsa demente
 Vem a ser contraparente
 Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
 Andarei de bicicleta
 Montarei em burro brabo
 Subirei no pau-de-sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio
 Mando chamar a mãe - d'água.
 Pra me contar as histórias
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcalóide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 - Lá sou amigo do rei -
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada.